

Confiança abalada¹

Domingos Zaparolli²

Incerteza é a palavra mais utilizada por líderes da indústria siderúrgica para descrever o sentimento em relação ao futuro. “O que podemos dizer é que 2025 não é um bom ano. E 2026 só com bola de cristal”, resume Jorge Oliveira, presidente da ArcelorMittal Brasil. “O setor está sangrando e, se nada for feito, 2026 será ainda pior”, afirma Silvia Nascimento, presidente da Aço Verde do Brasil.

O clima de insegurança em relação ao futuro foi captado pelo Instituto Aço Brasil. Em agosto, o Índice de Confiança da Indústria do Aço (Icia) ficou em 24,4 pontos (o índice, que vai de 0 a 100, indica falta de confiança sempre que a pontuação estiver abaixo de 50). Há um ano, a perspectiva era positiva, a confiança era de 62 pontos e os executivos projetavam investimentos da ordem de R\$ 100 bilhões no setor até 2028. Valores que agora estão sendo revisados, para baixo.

A mudança de humor reflete o que os executivos do aço classificam como um “momento muito delicado”, nas palavras de Oliveira, com ameaças no mercado externo e no mercado interno. Os Estados Unidos decidiram impor tarifas de 50% nas compras internacionais de aço. Em 2024, o Brasil exportou 4,08 milhões de toneladas (Mton) para o mercado americano, o que representou 42,6% do volume exportado pelo país.

Mas a decisão do governo Trump não deve ter efeito imediato nas exportações brasileiras. A construção de novas usinas siderúrgicas leva entre três e quatro anos. “Até lá, os americanos continuarão importando aço para atender sua demanda”, diz Oliveira. “O Brasil ainda tem espaço nos Estados Unidos, a questão é saber até quando.”

A maior preocupação imediata dos gestores do setor siderúrgico é a expansão das importações de aço no Brasil, principalmente de origem chinesa. A projeção do Aço Brasil para 2025 é de importações de 6,3 Mton, volume 32,2% superior ao do ano passado. O consumo no mercado interno deve crescer em ritmo bem menor, na casa de 5%, alcançando 27,4 Mton. As vendas das siderúrgicas brasileiras no mercado interno devem recuar 0,6% em relação a 2024.

O Brasil ainda tem espaço nos EUA, a questão é saber até quando”

— Jorge Oliveira

De 2019 a 2025, as importações de aço laminado aumentaram 192,9%, sendo que as importações vindas da China no mesmo período cresceram 322,5%. Historicamente, as importações de aço atendiam algo como 10% a 12% do mercado nacional; agora chegam a quase 25%, sendo que os produtores chineses já representam 65% das importações brasileiras de aço laminado.

¹ Artigo publicado em Valor Econômico. Disponível em:

<https://valor.globo.com/publicacoes/especiais/siderurgia/noticia/2025/09/12/confianca-abalada.ghtml>

Acessado em 12.09.2025

² Jornalista do Valor Econômico

Os chineses também ocuparam espaço brasileiro na América Latina. Em 2004, o Brasil mantinha uma participação de 15,9% nas compras dos países vizinhos. Em duas décadas, as vendas caíram 39,8%, e no ano passado apenas 3,9% do mercado latino foi atendido pelo Brasil, que exportou para a região 1,28 Mton. As vendas chinesas, que há 20 anos eram insignificantes, agora atendem 28,3% da demanda da região, com vendas de 9,2 Mton.

As importações indiretas de aço também são crescentes no Brasil. O aço embarcado em máquinas, equipamentos, automóveis e outros bens industriais deve chegar a 6,1 Mton em 2025, de acordo com o Aço Brasil. “É um aço que deixamos de vender para nossos clientes, que também estão sendo afetados pela expansão de bens importados”, diz André Gerdau Johannpeter, presidente do conselho do Instituto Aço Brasil.

A soma das importações diretas e indiretas é de 12,4 milhões de toneladas. O resultado é que a indústria siderúrgica ocupa apenas 65% de sua capacidade. “Para ser economicamente saudável, uma siderúrgica precisa ocupar pelo menos 80% de sua capacidade”, diz Johannpeter. “Se o nível de ocupação cair ainda mais, a siderurgia brasileira se tornará inviável”, afirma o empresário.

As empresas reagem com ajustes em suas operações. A Gerdau, por exemplo, paralisou em 2024 as atividades de três usinas: Barão de Cocais (MG), Cearense (CE) e Usiba (BA). Em agosto deste ano, a companhia decidiu reduzir a capacidade produtiva das unidades de Pindamonhangaba e Mogi das Cruzes, ambas no interior paulista, o que gerou a demissão de 1.500 trabalhadores.

No ano passado, a China produziu um excedente de cerca de 150 milhões de toneladas acima de sua capacidade de consumo. O volume corresponde a 4,5 vezes a produção brasileira e iguala a soma da produção dos Estados Unidos e da Rússia, quarto e quinto maiores produtores mundiais. Esse excedente é direcionado ao mercado externo e vendido com preços cada vez mais baixos. Em maio de 2024, a bobina de laminados a quente da China era exportada por US\$ 531 a tonelada, valor que caiu para US\$ 456 em julho deste ano.

“Os chineses vendem seu aço no exterior por valores abaixo do custo de produção. É impossível concorrer com produto subsidiado”, diz Marco Polo de Mello Lopes, presidente executivo do Instituto Aço Brasil. “Não queremos e não pleiteamos subsídios ou proteção, mas que o governo adote práticas efetivas de defesa comercial para evitar concorrência desleal”, diz Frederico Ayres Lima, CEO da Aperam South America.

Lima argumenta que a siderurgia brasileira é bastante competitiva e a maioria das usinas do país opera com uma pegada de carbono menor que a média internacional do setor. “Fazemos benchmarking, sabemos o quanto somos eficientes globalmente”, afirma o executivo. “Mas é impossível enfrentar concorrência predatória.”

Em junho de 2024, o governo brasileiro adotou uma política de cota-tarifa pela qual dez diferentes tipos de aço passaram a pagar uma tarifa extra de 25% quando o volume importado ultrapassa a média das compras realizadas entre 2020 e 2022. Em junho deste ano, mais quatro tipos de aço foram incorporados à proteção. O governo também anunciou o início de uma investigação sobre a existência de dumping nas exportações da China para o Brasil, um processo que leva entre 10 e 18 meses.

A avaliação no setor siderúrgico é que o sistema de cota-tarifa fracassou, uma vez que os chineses contam com recursos públicos e podem vender no exterior com prejuízo para manter seu nível de atividade, e que o processo antidumping é necessário, mas muito lento.

Gustavo Werneck, CEO da Gerdau, defende que o Brasil adote um sistema de hard quota, uma cota rígida de importações definida pelo governo e que não pode ser ultrapassada, nem pagando tarifa extra de importação. A medida traria previsibilidade para os produtores brasileiros.

